

FELÍCIA CABRITA  
MASSACRES  
EM ÁFRICA



*O meu jipe segue à distância um pesado camião de caixa aberta apinhado de sobreviventes dos massacres de Wiriyamu, assim ficou inscrito nos anais da história o maior atentado contra civis e crianças executado por comandos portugueses. Dizem que em Tete, província de Moçambique, o calor tão irresponsável como o homem, atinge temperaturas tão altas que se pode fritar um ovo na cabeça. Nunca fiz a experiência porque a minha ligação a ciência, mesmo empírica, é bastante desajustada. O meu cocuruto abrasava e acreditei piamente no ditado. Com o motor valente do nosso todo o terreno bem que podíamos ultrapassar, provocando no ar um ventinho que nos refrescasse, pensava. Mas o motorista teima em seguir os mesmos trilhos do camião.*

*Apesar de já os ter entrevistado, sinto que me devo aproximar para partilhar as emoções que os atravessam à medida que se aproximam do local onde há vinte anos perderam as suas famílias. Sigo com Clara Azevedo, a fotógrafa com quem fiz o meu primeiro trabalho há uns vinte anos. Partilhámos tantas aventuras e desventuras que basta um olhar para adivinharmos o que cada uma pensa. Vítor parece um equilibrista, a picada não é famosa mas ele nunca sai fora dos rodados do camião e mantém sempre a mesma distância. Cada vez mais intrigada, peço-lhe que acelere. A resposta, com a força de uma raja-*

*da, remete-me para o passado: «Isto está cheio de minas, não quer pisar uma, pois não?»*

*A RENAMO que, desde que a FRELIMO de Samora chegara ao poder abriera uma guerra que manteve o país durante dezasseis anos na cordabamba, tem poiso naquelas bandas. O ímpeto da morte circula nas veias dos homens com a mesma espessura dos glóbulos vermelhos e provoca os grandes desconcertos humanos. Do meu banco avisto Baera, que dois dias antes do Natal de 1972, viu os seus filhos e mulher serem mortos à paulada. Martelo as suas palavras com revolta: «A guerra é a guerra, depois dessa já passámos por tantas.»*

*Este foi, talvez, o trabalho mais complicado da minha carreira. O papel do jornalista é pôr o dedo na ferida da actualidade ou da História, o que provoca sempre grande alvoroço. Há coisas malditas que apenas se transmitem de família em família.*

*Na faculdade, uma das cadeiras do meu curso era Literatura Africana. Lourenço do Rosário, o professor moçambicano que a regia, um dia falou-me desta acção militar injustificada que apagou do mapa três aldeias de Tete. Apenas sabia a data e que os autores pertenciam à 6.ª Companhia de Comandos. Nesse ano, terminei o curso e entrei no Expresso. Estava ainda muito verde para pôr mão em empreitada deste gabarito, mas poucos anos depois acabei por propor o trabalho à direcção, que aceitou.*

*No Estado-maior do Exército, onde começo por procurar ajuda, o silêncio tem a força da tampa de uma panela de pressão. Apenas consigo o relatório da «Operação Marosca» completamente falsificado, onde apenas se assinalam meia-dúzia de mortos no campo do inimigo e a apreensão de umas tantas armas, sobretudo canhangulos, arma doméstica dos moçambicanos. Peço a lista dos homens da Companhia mas pareciam ter-se evaporado como os mortos de Wiriyamu. Mais tarde vim a descobrir que dois dos oficiais que capitanearam a operação estavam colocados no próprio Estado-maior. Nenhum quis falar, a não ser para negar as evidências.*

*Dois anos antes da revolução de Abril cantar finados à guerra, a tropa especial e alguns elementos da DGS, a secreta do Estado, matam em tempo recorde 400 pessoas. Procuram a base do inimigo, mas*

*encontram aldeias indefesas, apenas com mulheres, crianças e velhos desarmados. Fazem-se experiências. Um soldado abre o ventre de uma mulher grávida e mostra-lhe o sexo do feto. Outros colocam os canos das armas na boca de recém-nascidos, à laia de biberão. E as donzelas, depois de satisfazerem o ímpeto dos defensores da pátria, são abatidas. Foi apenas mais uma atrocidade praticada pelo exército colonial, mas esta teve parangonas na imprensa estrangeira porque missionários a denunciaram à opinião pública internacional.*

*Mas o relatório, apesar da informação forjada, tinha uma preciosidade: o nome completo do homem que, supostamente, dirigira a operação. Fará a reconstituição dos acontecimentos era indispensável o testemunho dos soldados portugueses. No Algarve, descubro Gonçalo Fevereiro. Chefiava a segurança de um grande empreendimento turístico. A conversa é lisa, o homem repete a resenha oficial da operação sem acrescentar nem mais uma vírgula. Mais, nessa altura tombara com uma hepatite e fora substituído por um miliciano. Olho-o fixamente para que perceba que não caio nessa.*

*Tento espremer o ex-comando sem êxito. Também se lhe varrera da memória os nomes dos homens que comandou. Passado um tempo, talvez cansado de tanta insistência, que já caíra no domínio da provocação, faz uma tardia reflexão e pesca no seu cérebro enferrujado o nome de Joaquim Pacheco, alentejano de Marvão que naqueles tempos bateu todas as atrocidades. Mas nada sabia dele, nem morada nem signo astral. Gonçalo não contava com a minha agilidade nem com a do serviço informativo da Portugal Telecom. Enquanto o homem volta para o trabalho, descubro o soldado, a um quilómetro do sítio onde almoçámos. É assalariado do outro, mas está de folga. Ainda hoje a sua figura é companhia das minhas noites brancas.*

*Falou-me das crianças que matou, das mulheres que violou, com total indiferença. Da sua agenda saltaram outros colegas cúmplices da mesma tragédia humana. Estavam espalhados por todo o país. Numa coisa Gonçalo Fevereiro tinha razão: adoecera e fora um alferes miliciano quem o substituiu na acção militar. Quando parti ao encontro de Antonino Melo, tinha a noção de que ia enfrentar um criminoso de guerra. Sempre que saía para trabalhos que pressupunham algum perigo, montava uma estratégia com Joaquim Vieira.*

*O director da revista ficava ao corrente do local do encontro, e se eu não lhe telefonasse de x em x tempo, ligava-me para perceber se as coisas corriam de feição. Assim foi naquele dia quando parti para Sines. Na ideia um único pensamento: «Vou tramar este filho da mãe.»*

*O homem espera-me numa cervejaria. No rosto branco, emoldurado pelos olhos humedecidos próprios dos recém-nascidos, tinha espelhada a culpa. Comecei por pensar se não haveria um equívoco. Mas era o próprio, e abria-me o livro. Nele habitavam memórias que o tempo não apagava. Nalguns casos, nem as exprimia. Agarrava-se a uma única situação que lhe trazia algum conforto. No meio da loucura de que a guerra se alimenta, houve um momento em que o seu coração se esgueirou dela. Para poupar balas, os militares colocam famílias inteiras dentro das palhotas e depois lançam as granadas. Ele brincava, como nos contos, com a sorte das vítimas: «Quem quer casar comigo.» Uma menina pequena abraçou-se-lhe aos joelhos a chorar: «Eu quero.» Ainda hoje não sabe explicar porque a deixou partir com a mãe. Cinco anos mais tarde, num trabalho para televisão, havia de o levar ao encontro dos sobreviventes, onde finalmente purgou uma dor de anos.*

*A temperatura está acima dos 45 graus e eu mastigo a poeira da picada com raiva. Há sítios no mundo onde Deus não está em parte alguma. Enquanto percorremos a mata que nos leva a Wiriyamu, Creya, a menina que Antonino salvara, na carroçaria do camião fazia-me agora de escudo. Depois dos massacres e com as suas aldeias completamente destruídas, aquela gente espalhará-se por outros locais. Nunca mais ali voltara, nem para homenagear os seus mortos.*

*Vara os reunir contei com a ajuda da figura da terra. Isaías Marrão, um português ateu descendente de marranos, em casa de quem estávamos hospedadas. Era exímio contador de histórias. O humor é das qualidades que mais aprecio. Ali chegara com dezassete anos e com manha tornara-se num empresário de sucesso. Nas eleições em que os mortos votaram, fez com que, em Tete, Humberto Delgado vencesse. A fama de antifascista espalhou-se e, quando a independência chegou, não sofreu beliscadura. Ao lado da sua residência, construíra*

*uns tantos quartos que alugava. Leitor do Expresso desde o primeiro número, dá-nos tratamento VIP. Convida-nos para a sua casa e oferece o único quarto com ar condicionado. Deito-me e acordo a rir com os ditos do velho Isaías que acumula em peso os prazeres e alegrias de que continua a usufruir.*

*O homem conhece de olhos vendados a província. Contemporâneo dos massacres de Wiriyamu ajuda-me a encontrar todos os sobreviventes e coloca as suas viaturas à disposição. Quando ao fim do dia, rachada pelo calor e pelas narrativas das vítimas, regresso, o cheirinho a caril invade a sala gelada de Isaías. Nas paredes cobertas de peles e de dentes de elefantes sobressaem as estantes onde reina Aquilino Ribeiro. Ali o uísque é a água corrente. Surpreendeu-me, agradavelmente, a ligação subtil que o scotch estabelece com os cominhos do sarapatel ou com o chacuti de galinha.*

*De repente, apercebo-me que estou no local dos massacres. Os sobreviventes soltam gritos fúnebres. Os mais novos saltam em andamento. No centro do que fora a aldeia, após a independência, a FRELIMO construíra um monumento arrepiante em homenagem às vítimas. Num tosco mausoléu, um vidro deixa ver uma macabra comunhão de crânios, rótulas e fémures. Baera receia aproximar-se, ali podem estar os restos mortais da sua família. E um velho seco e magro como uma cana. O sopro das velhas dores podem atirá-lo por terra. Tenta descobrir o local onde antes se erguia a sua palhota. As descrições sucedem-se. Faz a descrição da chegada da tropa ao terreno. As peças encaixavam com o relato que ouvira dos militares.*

*Escudamo-nos do Sol nas abas de um embondeiro. A medida que caminhamos, tropeço em ossos humanos. Baera ajoelha-se, parece que reza. Debruça-se para os apanhar. De repente, por detrás da árvore sagrada, disparam tiros na nossa direcção. E a RENAMO, fazem coro. Era a primeira vez que tinha a consciência de que teria de morrer um dia.*

Manuel Coelho, deitado no poncho, com a mochila a substituir o travesseiro, dá voltas. Não consegue dormir, o calor e os mosquitos não lhe dão sossego. Antes da recruta, se lhe dissessem que se ia tornar

um veterano da morte não acreditaria. Mas nessa noite, ao lembrar--se dos seis colegas que dias antes tinham sofrido uma emboscada e ficaram feridos, sente ânsias de apertar o gatilho. Saiu de Portugal com a família mal completara quatro anos. Instalaram-se na baixa do Limpopo. Deram-lhes uma casa, quatro juntas de bois, uma vaca leiteira, os primeiros passos para a exploração agrícola. Começou a trabalhar a terra muito pequeno, ainda chorava. Quando chegava a praga dos pássaros, guardava o trigo de sol a sol, e agora não está disposto a entregar tudo aos «turras» de mão beijada. Ao amanhecer, a voz do alferes Vilela corta-lhe os pensamentos. As ordens são bem claras: tudo o que mexer é para abater, não há prisioneiros.

Dispersos no mato, três grupos de comandos cercam em cunha os aldeamentos. Esperam a ordem de ataque. Manuel, com os cantis de água a bailarem-lhe nos quadris, avista alguém entre a árvores. As perguntas fazem-se depois, as armas acertam. O alferes aproxima-se do corpo tombado e revista-o. Num bolso, uma caderneta indica a profissão do negro: condutor de tractores. Está desarmado, nada indica que seja um guerrilheiro da FRELIMO. Nunca fiando. O alferes interroga-o. O homem nega conhecer a base do inimigo, mas depois de uns pontapés está disposto a levá-los a qualquer parte. Já não se consegue levantar, esvai-se em sangue e perde a visão. O alferes faz um gesto com a mão a Manuel. «Eu não sujo a faca», responde. E acaba o serviço com a G3. «Ainda guardo o baque da bala na cabeça dele. Parecia uma caverna...» Manuel acabara o curso de comandos havia quatro meses, mas era a primeira vez que via a cara da morte, ali aos seus pés. Baptizava-se. A medalha de uma santa pendia no crachá, não a queria perder, tinha-o prometido à mãe.

Mais à frente toca a sorte a outro negro que, ao dar pela presença dos soldados, se assusta e foge. O tiro apanha-o na nuca. Manuel vira-o com a bota, tem a cara rebentada e os dentes separados, na mão direita segura com força um saco de sarapilheira. A tropa entrega-se à pilhagem, a Manuel calha um fato de banho branco, muito bonito, que ainda há bem pouco tempo usou nas praias da Linha.

Ao meio-dia chega a aviação, é o sinal que esperam para entrar a matar. Dois Fiats sobrevoam a povoação e largam as bombas no

mato. Antonino Melo substitui o capitão da Companhia, que tombou com hepatite. Os helicópteros lançam-no mesmo no centro da aldeia de Wiriyamu com mais um grupo de soldados. Não confia nos dois elementos da DGS que o acompanham. Não é uma questão de princípio, cresceu sem contradições em Moçambique, a sociedade colonial não lhe faz moossa. Mas fica em brasa quando a polícia política tenta meter-se no seu trabalho, e as informações que lhe dão nem sempre são de fiar. O alferes deixou Portugal era ainda criança, e os ventos que sopram da metrópole, o apelo à descolonização, deixam-no indiferente. Não há resposta aos tiros da tropa, Antonino apenas vê mulheres, velhos e crianças em debandada. Mas ele nunca pôs em causa a ordem de um superior, e a guerra é cega. Não há balas especiais para mulheres e crianças.

No dia anterior a sua Companhia sofrera as primeiras baixas. A vida não era um mar de rosas para o exército português. A FRELIMO trocava-lhe as voltas. O interesse da guerrilha é impedir a construção da barragem de Cahora Bassa. As emboscadas sucedem-se, e a 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos é colocada no rio Mazoe, a poucos quilómetros de Tete, para dar cobertura aos camiões que chegam da Africa do Sul e do Malawi com material para a barragem.

A fama do guerrilheiro Raimundo, cognome Dalepa, ou bicho que fede, faz lenda. Nessa manhã, Raimundo escolta um grupo que leva armamento para Sofala e Manica, uma das frentes de luta. De regresso ao estacionamento do Mazoe, uma equipa de comandos cai-lhe nas mãos. O condutor da Berliet, com a mão esquerda decepada, tenta fugir e esmaga a bacia de um alferes que caíra do camião. Seis feridos graves foi o saldo. A 6.<sup>a</sup> Companhia pede vingança, olho por olho, dente por dente. Antes de ser evacuado, o alferes Amaro deixa-lhes uma missão: «Vinguem os vossos camaradas!»

Horas depois, Antonino é chamado ao Comando da Zona Operacional de Tete (ZOT). Há uma semana que a «Operação Marosca» tinha sido decidida, mas os últimos acontecimentos apressavam a acção: para além da emboscada, um avião dos Transportes Aéreos quando sobrevoava as aldeia de Wiriyamu e Juwau é alvejado. Joaquim Sabino, inspector-chefe da DGS, marca presença na sala de operações. «Fui eu quem informou o exército do sítio onde se encon-



travam os terroristas», recorda hoje o inspector reformado. Sabino joga as cartas para a mesa. Um dos seus informadores, um homem da povoação que negoceia cabritos, garantira que Raimundo se encontrava na aldeia de Wiryamu. Mas o comandante da esquadrilha de Fiats não tem tantas certezas e recusa-se a fazer fogo na zona. «Isso vai ser um crime, aquilo é só população», garantira o capitão, que hoje prefere ficar na sombra. «Só uma bomba das pequenas», pede o comandante de operações. Nem pequena nem grande, as bombas serão largadas na mata. Sem mais, Antonino Melo parte para a missão civilizadora.

«Que não fique ninguém vivo!»

Era época de sementeira mas a chuva teimava. Um grupo de virgens e de velhos que encarnam o leão partiu para a floresta sagrada. Levavam milho torrado, amendoim, tabaco e caju para oferecer a todas as almas em troca de água. Dukiria Makaje, recém-casada, ficara na machamba, pequena horta nas proximidades de Wiryamu. Depois de semear a mapira volta à aldeia e prepara o almoço para Tinta, o marido. De repente, ouve o bombardeamento no mato. Antonino salta do helicóptero com os seus homens. Os aldeãos tentam fugir, é a caça ao «turra». O alferes agarra tudo o que lhe vem à mão, homens, mulheres e crianças, e fecha-os em palhotas. Depois lança as granadas. As paredes de capim ficam chapeadas de corpos estilhaçados. Entretanto, os soldados reúnem o resto da população no pátio da aldeia. Chico Kachawi, o negro da DGS, interroga os mais velhos. Mas ninguém parece conhecer Raimundo. Nunca o abrigaram. Wiryamu, o chefe da aldeia, apela. Chico manda-o rebolar no chão e treinar cambalhotas. Depois dá o ultimato, se queres viver, fuge. Mal o velho se ergue, ordena: «Mata a gazela.» E os soldados treinam o dedo.

Dukiria encontra-se na fila das mulheres e percebe que o marido vai ser o próximo. Observa-o de longe, persigna-se, despede-se. Chico exige confissões. Que não, não é «turra», defende-se Tinta. Com um pau, Chico esmaga-lhe o crânio, depois salta para cima do corpo. Diverte-se no trampolim, para gáudio da tropa. Todos partilham o festim.

O soldado Sebola, africano de Tete, brinca com as crianças. Agarrais por um braço e atira-as ao ar. Quando os corpos descem, espera--os o punhal.

Orário Kudenguirana, irmão de Tinta, é o último sobrevivente da família e espera a sentença. Viu a mulher ser queimada numa palhota e o seu único filho, um bebé de um ano, teve pior sina na faca de Sebola. Não tentou fazer nada, escondido no meio dos outros pensava ainda escapar à sorte. Um soldado aproxima-se do grupo das mulheres e leva a cunhada. Atrás de uma árvore, o comando proclama a sua virilidade. O soldado segura os cabelos de Dukiria para a manter de joelhos. Mas ela nem pensa rebelar-se. «Este é o teu último dia, tens uma bela despedida», dizia-lhe o herói. Depois os soldados arrancaram-lhe a capulana e revezaram-se. Não sabe quantos, nem lhes distinguiu a cara, os homens de uniforme são todos iguais. Só se lembra que o último roubou as missangas que lhe adornavam a cintura e as colocou ao pescoço. Como um troféu.

Caíam por terra os brandos costumes. Antes de queimarem as palhotas, os soldados fazem uma limpeza geral. Rádios, lanternas, malas de madeira, bicicletas. A pilhagem salva-os do tédio. Antonino cumpre a missão à risca, não quer manchar a sua caderneta militar. A guerra não tem lógica. Mandaram-no fazer uma limpeza numa base inimiga, matar tudo o que se move é o ABC da guerrilha. Um comando não deixa testemunhas, é o lema. «Nessa altura tinha uma pedra no coração.» Augusta Creya tinha apenas cinco anos mas ainda se lembra do homem alto e loiro que a salvou. O alferes junta um grupo de pessoas e mete-as numa palhota. A criança pressente o que está para acontecer e, agarrada à capulana da mãe, chora. Entre os gritos dos prisioneiros, Antonino exercita piadas. «Quem quer casar comigo?» A pequena Augusta oferece-se e abraça-se às suas pernas. Não sabe ao certo o que ela lhe disse, falava em dialecto. Talvez, salva-me... Não! Tem a vaga ideia de que murmurou: não me mates. Nessa altura, quando sentiu as mãos pequeninas a segurarem-no e olhou para baixo percebeu que não teria mais de cinco anos. Consegue abrandar o coração do oficial que, antes de lançar as granadas, retira a criança e a mãe do grupo de condenados. «Ainda hoje tenho a impressão de que foram elas que me denunciaram.»

Vasco Tenente também escapou por pouco. Quando os soldados chegam, o irmão mais velho oferece-lhes cadeiras para se sentarem. Era a tradição quando os brancos os visitavam. Foi o primeiro a morrer. Toda a família é fechada na cabana. A mãe enlaça-o pela cintura e canta obedecendo às ordens da soldadesca. Quando as granadas rebentam a porta abre-se, e Vasco, com uma perna queimada, consegue fugir. Entre o fumo, Veleriano Bauke, furriel, descobre-o. Prepara a G3, mas perde a coragem. Ainda havia muito trabalho a fazer e a adrenalina não baixava. Não era um dia normal, na aldeia de Wiriya-mu. Sebola acumula especialidades. Coloca as mulheres em bicha, abraçadas. Encosta o cano da G3 e dispara. Depois é a contagem e a glória. De uma vez abate sete, de outra treze. Matar é uma arte, é preciso ter vocação. O soldado dedica-se de novo às crianças. Pequenos corpos fazem piruetas no ar antes de caírem nas palhotas incendiadas. É véspera de Natal.

Antonino não encontra rasto de guerrilheiros, no meio dos destroços restam apenas dois canos de canhango, armas de caça. Não se perturba, matar gente na guerra não é novidade. Para que raio serve a guerra? Dá ordem aos homens para que se apressem, a aldeia é um braseiro, a terra parece cuspir vapor. Chico Kachawi grita: «Matar tudo, que não fique ninguém vivo!» No pátio, Dukiria está entre dezenas de pessoas. Escondem-se atrás uns dos outros, as mulheres com os braços protegem os filhos. «Batam palmas para se despedirem da vida», traduzia o negro em chihungue. Eles obedecem, e as granadas caem. Dukiria é atingida num pé, arrasta-se, esconde--se entre os mortos.

### **Loucura sem fim**

Mais abaixo, na aldeia de Chawola, Joaquim Pacheco, alentejano de Garvão, defende as sagradas parcelas do império. Lutar pela Pátria era uma forma de não se sentir inútil. Vinte anos, filho de agricultores, antes da guerra nunca previu tudo o que se esconde na alma humana. Tinha casado há pouco e regressara de Lourenço Marques onde em cinco dias de folga festejara as bodas. Não percebia a enorme

vontade que tinha agora de ter uma mulher. Talvez por ter acabado de enforcar um homem. O sangue incitava-o e, ainda tocado pela energia da morte, o alentejano descobre numa palhota três donzelas. Em certos lances sempre precisou de algum sossego, e enquanto os camaradas se divertem com as outras retira a mais nova para a varanda. Era a mulata mais bonita e mais cobiçada. «Sou o primeiro, fui eu que a descobri.» Não falam a mesma língua, mas Joaquim faz um gesto e ela deita-se. Não é necessário usar de força, a jovem rende-se. Depois não a matou, faltou-lhe coragem. «Ela portou-se bem, ajudou, não ficou parada.»

Dois soldados fazem bicha. Com o último a sorte da rapariga falha. Oferece-lhe o cano da arma para a ajudar e quando ela se tenta erguer, dispara.

Joaquim matou muita gente, perdeu a conta. Mas crianças jura que só foram duas. Uma, levou com uma munição nas costas, a barriga era um enorme buraco, as tripas penduradas. Vivia ainda e deu-lhe o tiro de misericórdia, na cabeça. O outro era muito pequeno, dois ou três anos, e tinha as duas pernas partidas. Fechou os olhos, acertou e virou costas.

O que pensaria a mãe se o visse naquela figura. Parecia o diabo, as botas e a farda sujas de sangue e, ao pescoço, as missangas da jovem que violara. Quando chegasse ao estacionamento havia de as desfiar para fazer uma pulseira com o seu nome de guerra.

A loucura não tem fim, é uma cruzada apocalíptica. Em formatura, no centro da aldeia, os que sobreviveram à primeira investida recebem granadas. A esquerda, à direita, no meio. Os soldados protegem-se dos estilhaços atrás das palhotas que ardem. António Michone, ferido num ombro, esconde-se entre os corpos dos pais e dos irmãos. Para que não sobrem testemunhas, os soldados retiram as coberturas de capim das palhotas e lançam fogo. António escapa-se da pilha e no meio das labaredas ludibria os soldados que disparam.

Joaquim continua a inventar. Manda sentar um grupo de mulheres e homens. Por baixo dos corpos coloca granadas e retira as cavilhas como se enfeitasse uma árvore de Natal. «Se se levantarem, morrem», era o conselho. Nada bulia. O alentejano espera, impaciente-se. Depois manda erguer o do meio. Era uma perna para um lado, um

braço para outro, cabeças que pareciam melancias a rebentar de maduras. Memórias que correm como se tudo tivesse acontecido ontem. Depois escolhe um corpo que já arrefeceu e senta-se. O sol declina, a fome aperta. Saca da mochila a lata de sardinhas picantes e uma Lau-rentina, a cerveja mesmo choca sabe-lhe a vida.

Manuel Coelho retira-se de Juwau, outra aldeia destruída. Batem a zona até ao rio Mazoe. Os soldados estão cansados, carregam os destroços da guerra, bugigangas que não servem os mortos. Aproximam-se do rio Luenha. Manuel tem a farda colada ao corpo, cheira a sangue e a trotil. Apetece-lhe um banho. Ao aproximarem-se do rio descobrem muitas mulheres e crianças escondidas entre as árvores. Um miúdo escapa-se. O soldado grita-lhe que pare, mas a criança não percebe português. Ergue a G3 e dispara. O corpo cai. Mas levanta-se de novo. Outro tiro, e o miúdo volta a levantar-se. Um comando não falha. O corpo encalhou numa pedra, a água do rio trouxe o sangue para a margem. «O que é que me levou a fazer aquilo?», interroga-se hoje Manuel Coelho, agente da PSP. Os outros soldados entretinham-se com uma mulher grávida. Manuel é convidado mas declina. Quando chegasse à cidade tinha as mulheres que quisesse. Nenhuma resiste ao crachá de comando e a uma lata de sardinhas.

A grávida sobrevive a quatro praças. «Não percebo porque não a mataram, era uma testemunha perigosa», passados vinte anos, Manuel ainda não perdeu vícios de tropa de elite.

Dois dias depois, algumas Berliets vão recolher os comandos. Os soldados estão esgotados, mas a loucura não esmoreceu. Para os substituir, os camiões trazem pára-quedistas. Armados até aos dentes, bazucas, morteiros, lança-rockets. «Parece que vão para o Vietname», gozava Joaquim Pacheco. Comandos e paras já na altura rivalizavam, era uma festa em família. Escondidos na mata, os soldados lançam granadas aos colegas. Não houve estragos, era só para os assustar. Afinal o que estavam eles ali a fazer? O serviço já estava feito e bem feito. «Pareciam uma bola no chão, convencidos que estavam a ser atacados pelo inimigo», recordações do soldado José Maria.

Nessa noite, no estacionamento, contam-se proezas. José Maria faz coro com os outros. Chegara a Moçambique aos catorze anos,

sozinho. Expulso do seminário por falta de vocação. É um dos autores do que viria a chamar-se «os massacres de Wiriyamu». Mas fez aquilo como se nada fosse. Cumpria ordens. Depois já estava calejado. Raramente poupavam um prisioneiro, não era conduta de comando. Um prisioneiro na mata era o dobro do trabalho e horas de sono perdidas para o vigiar. Mas aquela criança que matara não lhe saía da cabeça. Não é por nada, mas o olhar do putito... Ele estava a retirar-se da aldeia quando viu a cabeça do miúdo a sair de entre os corpos. Era inadmissível, no meio daquilo tudo, deixar alguém vivo, e os mortos não sofrem. Voltou atrás. O alferes Abreu gritou: «Foge daí que isso está muito quente!»

Agora vem-lhe muitas vezes à memória aquela imagem. Não tinha mais de quatro anos. Levantou a cabeça, olhou-o, passou a mão pelo rosto cheio de sangue. Tinha a barriga desfeita. Talvez nem sobrevivesse. Talvez... Ergueu a arma e disparou.

Mas claro que houve cenas engraçadas: uns tipos que iam a fugir e são caçados pelo helicóptero, mãozinha da Força Aérea, e ficaram desfeitos. E mesmo anedóticas, como quando atiraram a dose habitual para dentro de uma palhota e um negro saltou com o tecto. Aterrou vivo e foi a caça ao pombo. Ele desata a correr e José Maria a disparar com os outros. «Aí vai disto. Devia ter vinte anos e demos cabo dele.»

Mas há quem não cante de galo nessa noite. Entre os oficiais, Silvério do Rosário chora: «Eu não sou um assassino, fizeram de mim um assassino.» Há assassinos acidentais e profissionais.

### Sem deixar rasto

António Michone chega ferido à povoação de Micombo. Taulo, seu tio, o chefe da aldeia, leva-o para o hospital de Tete. A notícia da chacina corre na cidade. Dois padres espanhóis da Ordem de Burgos ouvem a história do rapaz. Não era a primeira vez que os missionários denunciavam os massacres do Exército Português. Um delegado da Cruz Vermelha deslocou-se ao local para confirmar. José Paz regressa sem dúvidas e faz um relatório. Mas o inspector da DGS trava-o a

tempo e guarda as provas. «Disse-lhe para não mostrar aquilo a ninguém porque ia comprometer-nos e era uma nódoa para a tropa portuguesa», esclarece Joaquim Sabino.

Terça-feira, o jornal *Notícias*, fidelíssimo, diz de sua justiça: «Um acampamento destruído é o resultado do assalto a um reduto terrorista por comandos apoiados pela FAP. Embora o grupo inimigo em fuga tenha reagido contra os helicópteros com tiro de armas ligeiras e de metralhadora pesada o nosso fogo conseguiu fixar os terroristas no terreno. As Forças Nacionais não sofreram baixas.» Mas ninguém faz fé no que diz a imprensa de Moçambique.

Adrião Rodrigues, advogado, defende dois padres portugueses que se encontram presos. Delito: denunciaram na missa os massacres de Mucumbura, exercício de estilo dos comandos no ano anterior. Na mesma calha encontram-se os «Padres Brancos» e os padres de Burgos, ordem espanhola. Mas estes missionários estão enterrados até ao pescoço. Existem muitas provas que os ligam à FRELIMO. Adrião Rodrigues é chamado a Madrid. A Igreja espanhola desunha--se para libertar os seus padres. «Sugeri-lhes que criassem um rega-bofe internacional, e foi assim que se denunciaram os massacres de Wiriyamu», adianta o advogado, que nunca sentiu as costas tão quentes como na altura.

Os militares desta vez brincam com o fogo, a Santa Madre Igreja declara-lhes guerra. Antonino Melo é chamado de novo à ZOT. Exigem-lhe que apague os vestígios. O alferes tenta recusar, não era missão sua, nunca foi norma, um comando não é coveiro. «Não levem armas», dizem-lhe. Essa ordem, para seu bem, não a cumpriu. A 6.<sup>a</sup> Companhia faz as malas antes de terminar a intervenção. Tentam apagar os rastros enviando-os para férias na Ilha de Moçambique. Mas antes, Antonino e um grupo de confiança voltam ao local do crime. Tinham-se passado vinte dias, as aldeias eram o inferno. A volta dos cadáveres, um enxame de moscas e abutres. Os corpos inchados pareciam querer rebentar. Mal se dava pelas crianças, completamente estilhaçadas. O capim crescera entre os ossos. Antonino enxota com a bota as galinhas e os cães que não largam os corpos em decomposição. Os animais tinham engordado. Embebe o lenço verde do regulamento em *Old Spice*, o «after-shave» engana

o cheiro insuportável. «Hoje não consigo cheirar o *Old Spice* sem ficar agoniado.»

José Bandeira, para tristeza sua, não participara na primeira operação. Está espedado a olhar para os cadáveres. Tantos mortos, e ele que pensava conhecer a guerra como ninguém. Era um duro, tinha feito de tudo um pouco. Matar crianças com a arma dentro da boca como se fosse a chupeta era coisa muito normal. Uma vez matou uma negra. Parou quando esgotou as balas da *Walter*. Estava pronto a dar o mesmo destino ao filho, mas um oficial travou-o e levaram a criança para o aquartelamento. Equiparam o Tomé com farda de capitão, mascote da companhia. Nunca percebeu porque é que o puto não gostava dele, porque o olhava de viés. E prisioneiros, quantos limpou para poder dormir sem ter de montar guarda? Iam em fila, a chamada bicha de pirilau, e o prisioneiro no meio. De vez em quando ouvia-se. «Deixa-o descer.» O homem ficava para trás. Por fim, o último soldado dava o tiro. «Ele ia a fugir», desculpavam-se aos oficiais. Sempre ferveu em pouca água, mas com as mulheres refreava o sangue. «E elas sabiam que quanto mais resistissem mais paulada levavam.»

Razão tinha o pai, antigo jogador do Benfica, quando dizia que ele não prestava. Por isso o tirara do liceu de Chaves, onde o rapaz não atinava. Embarcou-o para Moçambique, a ganhar maneiras junto de uma tia e a trabalhar no duro. «Eu nessa altura era um javardo, éramos todos. Deixámos de ser homens, éramos bichos.» A volta dos corpos uma mancha, parecia óleo. O soldado tenta arrastar um cadáver para o meter na vala, mas fica com um braço na mão. Aquele trabalho só mesmo à enxada. Com o «rigor mortis», as pernas de uma mulher ficam suspensas. José coloca-lhe a bota entre as pernas. «Olha que boa que era a gaja.» Estava muito calor, abafado. No fim da tarde choveu. Talvez a água que as virgens tinham implorado na floresta sagrada. José ainda teve tempo para revistar os mortos, uns relógios, umas missangas.

José de Sousa não se sente herói. Tremeu ao entrar em Wiryamu pela segunda vez e benzeu-se. Moçambicano de gema, não é racista. Na guerra não se olha à cor quando se tem de matar. Antes de entrar na tropa era torneiro-mecânico e ganhava menos que um colono.



Mas era o sistema, tinha de vencer por ele e sempre se sentiu português. Em criança jogou às aventuras nos escuteiros, patrulha elefante. Aos vinte anos, optou pelos comandos por vaidade. Adorava a farda e o perigo, rabiá-lo e o medo. A 16 de Dezembro entrou em Wiryamu como soldado, cumpria uma missão. Ordem: dizimar a população. Hoje sente-se um covarde. Passa por todas as aldeias, abre valas, enterra corpos apodrecidos, rega-os com gasolina. O pior é o cheiro a carne queimada. «Foi uma matança injustificada. Pessoas inocentes e desarmadas que morreram às nossas armas. Um comando não é um assassino.» Depois, por três vezes lavou a farda de que tanto se orgulhava. Mas não se livrava do cheiro. Deitou-a fora.

### Guerra é guerra

Antonino está impaciente, acabou de cremar os corpos e os helicópteros sem virem. Não levaram ração de combate, estão sem água e escurece. Percebe que a Força Aérea não vai aparecer, e ele tem de voltar para o aeroporto onde ficou o resto da Companhia, para abalarem para a Ilha de Moçambique. Embrenha-se na mata, furioso. Antes de alcançar a estrada rebenta o tiroteio. «Ele cantou novamente», pensa José Maria, convencido de que a FRELIMO pedia vingança. «Foi a emboscada mais teimosa que apanhámos, e não era costume atacarem assim os comandos. Quem sofria emboscadas destas era a tropa normal», conta o alferes. A raiva sobe, a dúvida cresce. Porque é que a ZOT o mandou para a zona desarmada e os helicópteros não apareceram? Felizmente um comando nunca deixa as armas em casa.

Raimundo, o guerrilheiro daquela zona, já não pode falar. Suicidou-se há quatro meses no Songo, parece que por desgosto de amor. Mas José Moiane, general, antigo dirigente da guerrilha em Tete, não reivindica esta operação. Desconhecia até hoje que a 6.<sup>a</sup> Companhia tivesse voltado a Wiryamu para enterrar os corpos.

Antonino Melo estremece ainda quando pensa nisso. Será que tentaram criar vítimas para justificar o massacre? José Alberto Aparício, coronel, na altura na repartição de operações da ZOT, retira a

nódoa do pano: «Não somos tão despersonalizados como os americanos para nos andarmos a matar uns aos outros.»

Passaram-se vinte anos. Na antiga aldeia de Wiriyamu existe agora um monumento com as ossadas das vítimas. Baera Gandar, um velho seco, talhado pelo tempo, receia aproximar-se do mausoléu. Perdeu a família toda, quem sabe se os seus mortos não se encontram ali? Salvou-se porque nesse dia estava na machamba e ao ouvir os bombardeamentos fugiu para o rio Zambeze. Cinco anos depois, casou com uma das sobreviventes de Wiriyamu. Kaufina Fokoloni tentou fugir quando os soldados chegaram. Mas foi apanhada pelas granadas. Ferida numa perna ficou no chão entre outros corpos. Quando acordou a tropa já tinha partido. Nas suas costas o filho de meses não chorava. Kaufina retirou a capulana que segurava o recém-nascido, estava desfeito. Baera procura agora o espaço onde foi a sua casa. Encostado ao tronco de um embondeiro, ossos que parecem o *puzzle* de um corpo assomam da terra ao lado de uma lanterna amachucada. Baera segura-os, engole as palavras como se rezasse. Não, não sente raiva dos portugueses, guerra é guerra e ele conheceu tantas...

António Michone vive na aldeia de MTadue. Depois dos massacres foi protegido pelos padres espanhóis. Um dia os missionários disseram-lhe que Samora Machel o chamava a Dar Es-Salaam. Foi a corta-mato para a Zâmbia, onde o esperava um carro para o levar ao quartel-general na Tanzânia. Trabalhou no gabinete de Samora e foi guerrilheiro. Quando a guerra acabou, voltou a Tete. Cultiva uma horta perto de Wiriyamu, envelhece pobre, muito pobre. Sem a reforma de antigo combatente. «Vivo na minha machamba, em luta com a fome e a seca.»

Orario Kudenguirana cumpriu a tradição. Tomou a mulher de Tinta, um dos irmãos que morreu no massacre. Mas não apaga da memória o dia em que Dukiria foi violada. Augusta Creya, a menina que Antonino salvou, espera o quarto filho. A vida foi muito dura para lhe sobrarem ódios. Qual foi essa guerra? E depois dessa... E ainda...

Depois da independência saldaram-se facturas. A fotografia de todos os que pertenceram às tropas especiais portuguesas vieram a lume, para que não se esquecesse o passado. Valeriano Baúque estava

em exposição no emprego e no bairro onde vivia. «Era uma forma de as pessoas nos controlarem e de sermos reintegrados na nova sociedade.» Brandos costumes. Mas a maior parte dos soldados e oficiais da 6.<sup>a</sup> Companhia preferiu não arriscar. Vivem em Portugal, constituíram família, são homens normais. Ninguém desconfiaria do seu-passado. José Maria, farmacêutico, retrata-se a medo. «Tem a certeza de que não me vão chatear por isto? Olhe que ainda hoje há quem dê caça aos nazis...» Antonino Melo trabalhava na TAP quando lhe disseram que tinha a cabeça a prémio. Fez as malas. Hoje arrumou as armas, é analista e vive numa aldeia alentejana com a família. Acha que a verdade é para ser contada. Expõe. Raramente fala do passado e não gostaria de voltar a Wiriyamu, nem de rever Creya. Faz comparações, lembra a chacina de My Lai, uma população dizimada nas unhas dos americanos durante a guerra do Vietname. Esses foram julgados e condenados, a ele resta-lhe a consciência. «A guerra foi uma estupidez, Wiriyamu, um crime.» Guerra é guerra, são todas iguais.

*Três anos depois desta reportagem ser publicada no Expresso, Paulo Camacho que tinha transitado do semanário para a SIC, propõe-me ficcionar Wiriyamu para televisão e levar Antonino Melo a Moçambique como narrador da história. A ideia era arrojada, mas receava que ele não aceitasse pelo perigo que a aventura representava. A seguir à independência teve a cabeça a prémio e refugiou-se em Portugal. Por outro lado, a investigação do Expresso provocou um tumulto nos meios militares. Alguns colegas de tropa que com ele tinham feito um pacto de silêncio acusam-no de traidor. E na empresa onde trabalha, em vez de elogios pela coragem demonstrada ao repor a verdade, recebe insultos. Havia quem propusesse que, à semelhança de May Lai, fosse a julgamento militar.*

*Encontrámo-nos e expusemos a ideia. Entre nós nunca se cortaram os laços de respeito. Eu fizera o meu trabalho fiel aos factos e ele, apesar dos dissabores, nada tinha a apontar-me. Pediu-nos um tempo. Queria discutir o assunto com a mulher e os filhos. Passados uns dias, telefona-me. A resposta era positiva. Mas do lado da SIC a coisa não*

*ata nem desata. Só mais tarde soube que o orçamento apresentado era muito elevado e Emídio Rangel, o homem que trouxe novo ritmo à televisão nacional, o recusara. Passados dois anos, falo com Francisco Balsemão. íamos para o vigésimo quinto ano dos acontecimentos e eu propusera a Antonino voltar a Moçambique para um reencontro com os sobreviventes. Tinha carta-branca e Emídio alinhava.*

*Tive a sorte de trabalhar com os melhores fotógrafos e câmaras do país. Ainda por cima valentes. Nesta embrulhada ia agora Paulo Cepa que mais tarde me acompanhou nas bolandas agrestes do processo «Casa Pia». O rapaz tem tantos parafusos à solta na cabeça como eu. No aeroporto, enquanto esperamos o embarque, a fobia que tenho pelos aviões faz o gáudio do grupo. Antonino parece sereno. Ao passar pelo controlo de passageiros, o detector de metais não pára de guinchar. Revistam-no e nada. Retira tudo dos bolsos, até uma singela caneta com as cores dos camuflados da tropa e a máquina deixa de apitar. Mantém a mesma compostura enquanto a tralha na caixa passa pelo scanner.*

*Fora dos olhos dos seguranças, passa-me a caneta para as mãos. Abro-a e o comezinho objecto transforma-se numa pequena faca. Era a forma de me mostrar que temia pela sua vida. Nós também nos preveníamos. Quando chegássemos a Moçambique ele seria sempre apresentado como um dos jornalistas do grupo. O trabalho apenas tinha o risco de Antonino poder ser reconhecido, o resto eu fizera há cinco anos e já garantira o contacto com os sobreviventes. Colocava--se-me um problema: como é que eu ia escrever de novo sobre o mesmo assunto. Proponho-lhe que faça um diário onde registe todos os dias as suas impressões. Cumpriu-o à risca e foi a base do meu texto para o jornal e do guião para a reportagem televisiva.*

*Ao contrário do meu artigo, centrávamos agora a história em Antonino que chegara á Beira com a família com apenas quatro anos. Pretendíamos, através do périplo da sua vida, explicar as razões da transformação brusca que levaram a que um homem, que nunca pulara as cercas da normalidade, se transformasse num criminoso de guerra. Em Maputo queimávamos dias para furar a burocracia. Em 1997, a tutela soviética ainda sobrevivia nas mentalidades. As câmaras eram vistas como uma tentativa capitalista para seleccionar ape-*

*nas as imagens da pobreza e provar o fracasso da igualdade anunciada pelo mandamento marxista-leninista.*

*Enquanto se tratava das autorizações para filmar e deslocarmo--nos no país, aproveitámos as zonas mais inócuas para entrevistar Antonino. Na Namaacha, à beira das cascatas, falou-me da lua-de--mel, da rotina da sua vida antes e do pesadelo que foi a recruta que aos vinte anos o apanhou no 2.º ano de Engenharia. Ali moldaram a sua personalidade, transformaram-no numa máquina para matar. No regresso para a capital, passamos por Boane, onde fizera a instrução. O sol está por um fio, não temos autorização para filmar o quartel, mas decido tentar a sorte. Fará poupar tempo, e sem ouvir os avisos do grupo, salto à Rambo e corro na direcção da guarita. Os militares reagem como se tivessem o actor pela frente e apontam-me as metralhadoras. Opto por outra arma, a palheta. Mas não era o Lucky Luke, e só no dia seguinte com papel carimbado, recebem com reservas a minha sombra.*

*Com a papelada das autorizações em mãos, apanhamos o avião para a Beira onde visitamos a antiga casa de Antonino, a escola onde fez a primária e a igreja onde em pequeno ajudava à missa. Ai, alugamos um jipão para fazermos o trajecto até Tete. Trezentos quilómetros com a temperatura a subir a cada metro. Ao grupo juntara-se outro repórter de imagem: Karl Sousa, filho de Camilo, um dos melhores realizadores moçambicanos. A ideia era dividirmo-nos em grupos de dois. Enquanto eu voltava a entrevistar os sobreviventes e preparava o encontro, Paulo Camacho e Karl acompanhavam o antigo comando ao rio Mazoe onde a sua Companhia à época estivera colocada para fazerem planos de corte.*

*Isaiás esperava-me festivo. Antes de entrar na sua casa já me cheira a sarapatel. Sabia o que me levava de novo àquelas bandas mas desconheceu até ao último dia o nome do meu acompanhante. Senti que o traía mas em primeiro lugar estava a vida de Antonino. De madrugada saía com Paulo Cepa. De aldeia em aldeia reencontrava os velhos rostos que pareciam imutáveis ao passar do tempo. Apenas Creya estava mais triste. Quando a conheci acabara de casar, sonhava com filhos e vida melhor. Filhos teve, mas o marido, conforme às tradições, embebeçara-se por outra mais jovem. Vivem em Zoye, cola-*

do ao Malawi, zona húmida e fria quando chega Fevereiro. A noite, ela dorme com a filharada na varanda, ao relento. Só pensa em fugir, mas a família materna aponta-lhe o dedo da vergonha. A medida que os volto a entrevistar apalpo o terreno. Tinha de testar o perigo que representava a ida de Antonino ao encontro. Coloco a todos a mesma questão: Se um dia o homem responsável pela morte da sua família voltasse para se explicar, como reagiria\* Baera, com uma superioridade moral que poucas vezes encontrei, responde em paz: «Se vier por bem é bem recebido. Aquilo foram coisas da guerra.» Quase todos repetem as palavras do mais velho. Apenas Tenente, que escapara da sua palhota incendiada pelas granadas pisando o corpo da mãe, garante que matava o autor da impertinência. Desde que eu o levava ao monumento onde estão as ossadas das vítimas, sonha com os seus espíritos e não sossega.

Ninguém desconfia de nada e marcamos uma nova ida a Wiriya-mu. Antonino, por sua vez, sabe de tudo menos da data. O dia chega, estou apreensiva. Mas conhecia bem demais aquela gente, não prevejo desgraças. Faço as contas ao tempo que preciso para chegar com os sobreviventes ao local da matança e combino com Paulo Camacho que eles só apareceriam com o final da manhã. For cautela, aviso Isaiás e revelo-lhe a identidade do quinto elemento do grupo. Como a partir das cinco da tarde escurecia e não podíamos filmar, peço-lhe, caso não aparecêssemos até às sete, que avisasse o governador com quem era unha e carne.

Isaiás não quer acreditar, esbraceja como se lhe tivesse entrado em casa o mau-olhado: «Eles matam-vos em cinco minutos a catanada» Anda uns minutos de trás para a frente como se tivesse perdido a bússola que lhe norteia o cérebro: «Vão armados?» Eu e Paulo Cepa, desfazemo-nos em gargalhadas. Mas ele não vai de modas. Desaparece por uns instantes e volta carregado de facas de todas as gerações. Refunde-as pelos bolsos do meu colete perante o olhar gozão do meu parceiro que, mal o vê pelas costas atira-me: «Estou-te mesmo a ver, «Fakira», a virar a cabeça para o lado enquanto espetas as facas.» Nesse dia ganhei nova alcunha.

Em Wiryamu voltava a colocar aos sobreviventes a mesma questão. O que fariam se esse homem voltasse um dia? Entretanto, ouvi-

*mos o jipe de Paulo Camacho a aproximar-se. Antonino desce em direcção ao grupo que já fizera a soma dos dois. Parece sereno. Mas um sino toca a rebate nas suas fontes, nas veias percebe-se a batida acelerada do seu coração. Pede desculpas sem perder a pose de comando, controla as lágrimas. Creya, a menina que ele salvara, reconhece-o. Abraçam-se. Eu, que não fui das tropas especiais, pela primeira vez num trabalho, viro costas aos meus interlocutores. A minha preocupação virara-se para Creya que tinha o marido em Tete à sua espera. Desabafava, não queria voltar. Perguntei ao mais velho o preço de uma machamba. Nada mais do que cem dólares, mais ou menos vinte contos em Portugal.*

*Abandono o grupo, enfio-a no meu carro e peço ao motorista que me leve a casa de Isaías. Os criados mal me vêem, gritam: «Senhora esconde, esconde que a polícia quer prender senhora.» Ocorre-me o pior. Disse ao motorista para esperar. Faço um cinto com os dólares e enrolo-os por baixo da roupa da mulher. Nunca mais dormiria ao relento. Regresso a Wiriyamu. A noite fechara as janelas. O meu grupo ou estava morto ou atrás das grades. A entrada da mata, mudo de ideias. Ali não podia fazer nada por eles. Dirigi-me à polícia. Fora da esquadra a minha malta, na companhia das autoridades, bebia lau-rentinas.*

*Contava que a minha presença lhes levasse algum conforto. Mas, conhecedores do meu temperamento, pedem-me: «Não faças merda, vai-te embora que isto está quase resolvido.» Trocamos poucas palavras, e num instante resolvo o mistério. Passam-me as cassetes e volto a casa de Isaías que, enquanto as esconde num vão do relógio de pé, se confessa. Com medo que a coisa desse para o torto, avisara o governador. Este pediu ao director da Polícia de Investigação Criminal (PIC) que nos desse protecção. O outro trocou a prosa e decidiu prender-nos. Isaías telefona ao governador que toma medidas. O episódio acaba em festarola na casa do nosso anfitrião. A sala incensava a caril e aos tomilhos do sarapatel. O director da PIC, ainda imbuído do espírito de autoridade, faz braço de ferro. Que ele é que tinha razão. Num canto da sala, Paulo Cepa conta-me a aventura. Tinham arrancado uma meia hora após a minha saída. Mal saíram da mata para o asfalto dois carros da polícia travam-nos e dão ordem de pri-*

*são. No trajecto o meu companheiro retira a cassette que tem na câmara e coloca uma virgem.*

*Na esquadra, Artur Cheripe quer ver a fita. Cepa chuta para canto, não tinha ali as máquinas para passar a cassette. Mas o director não cai no engodo: «Eu sei que essa máquina faz umas grandes maravilhas!» Nem as graças do meu companheiro me relaxam. Fora um dia pesado. Na mesa, a conversa desenrola-se num mau caminho. O director decide discutir onde começa e acaba a liberdade dos jornalistas. Há momentos em que só uns berros me aliviam: «O seu merdas, acabou de nos prender e vem discutir liberdade de imprensa!» O ambiente gelou. Os copos carregados de uísque bateram no tampo da mesa e o gelo bailou. O homem mirou-me de alto a baixo e rasgou o sorriso. O meu alívio produziu nele o mesmo efeito. Num ápice mudou o assunto para o seu desgosto amoroso. Antes da independência prendera-se de amores por uma branca. Mas as coisas mudaram e o partido, que no pacto encontrou uma possível entronização do país colonialista, colocou a rapariga fora de portas. Ele é que não a esquecia. O feitiço virara de trajecto, o homem pedia-me agora um papel na televisão. Nessa altura, Júlia Pinheiro, também promovia enlaces no «Ponto de Encontro», programa da SIC. Disse-lhe que sim, porque esta palavra não faz doer a cabeça.*

Em menino ajudava à missa. Mais tarde foi escuteiro. A igreja fica mesmo em frente da sua casa. Um rés-do-chão, pintado de verde com o toque algarvio da platibanda. Jardim cuidado na entrada, e um quintal com uma bananeira onde inventa as primeiros perigos da vida. O número 136 da rua Comandante Diogo de Sá, um cantinho da classe média numa cidade duma colónia africana: Beira, segunda capital de Moçambique. Padre Vasco Fernandes é o seu confidente, quando tinha dúvidas procurava-o, como daquela vez em que lhe pediu um livro sobre sexualidade. Curioso do corpo feminino. No entanto sempre foi tímido, silencioso com as mulheres. Nenhuma pinta de namoradeiro. Fez o liceu sem perder ano, nem mau nem bom aluno. Anos 60, tempos de mudança, mas de independência



nunca ouvira falar. Que aquela terra era sua, ai isso era. Chegou lá aos quatro anos. Vinha das bandas de Águeda, filho de gente operária no atropelo da fortuna.

Quando entrou no segundo ano de Engenharia, chegou a sua hora. Assim se dizia quando um mancebo era chamado para a tropa. Tentou escapar, claro. A família meteu cunhas. Nada feito. Talvez conseguisse ser amanuense e fazer a guerra de caneta em punho. Nada feito. Sem querer acertou no inferno. Tinha dotes para tropa de elite, é seleccionado. Sem querer perdeu a paz. Tinha vinte anos. Em 1972, vésperas de Natal, dirige a 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos na «Operação Marosca». E num dia matou... matou... Matou para cima de três centenas de pessoas, página negra da guerra colonial que ficou na História como o massacre de Wiriyamu. Passados vinte e cinco anos, Antonino Melo, regressa à aldeia que destruiu, na bagagem uma fotografia do terror de que foi protagonista, e a coragem, surpreendente, de quem quer fazer História, e abraçar-se ou morrer, às mãos de quem destruiu.

Quando o avião levanta voo, Antonino finalmente acredita. Ia ver a sua terra. Nunca sentiu Portugal como pátria. Aterrou em Maputo com a cara colada à janela e o corpo roído de excitação. No rosto uma expressão infantil. Nos olhos a inquietação. Só o corpo direito, passo de marcha, cabeça levemente erguida, denunciam a postura de comando, quer dizer ex-comando. Desde que aceitou o convite para voltar a Wiriyamu perdeu o sono. Acordava a meio da noite, aflito. No sonho embrenhara-se na selva, perdia-se. Andava à caça, aparecia um leão, trepava para uma árvore. Escondia-se. Já não conseguia adormecer. As imagens da tragédia daquele dia 16, enterradas anos a fio no arquivo da memória, projectam-se a cores. Numa máquina enferrujada que perdeu a tecla *stop*. Aos sábados deve haver sempre sol. Aquele começou com tiros e acabou em chamas.

Antonino salta do helicóptero logo seguido pelos outros elementos do grupo, vinte e cinco homens. Os Fiats, contrariando as ordens, bombardearam na periferia da aldeia. Os dois grupos de comandos que tinham sido lançados dois dias antes em duas aldeias próximas de Wiriyamu para cortar a fuga à população e aos elementos da FRELIMO, infiltrados, protegem-se das bombas. Entre os homens que fazem o

cerco, um berra: «Filhos da puta, estes gajos querem-nos matar a nós ou aos "turras"?» O alferes que está em Chaola iça numa árvore um pano vermelho, para lembrar à Força Aérea que também estão na zona. Antonino comanda a Companhia por desígnio do destino. Se soubesse o que sabe hoje tinha fugido à tropa. Era a primeira vez que faziam uma aproximação a uma base com a ajuda dos Fiats. Colunas de fumo erguiam-se do mato. O jovem alferes limita-se a avançar com uma expressão neutra. Os aviões lançaram a confusão, mulheres e crianças fogem espavoridas sem adivinharem ainda o que estava para vir. Antonino vê-se à rasca para os travar. Ordena aos seus homens que os agrupem. Tinha-se transformado num instrumento bem oleado da máquina de guerra. E a mãe que tinha chorado quando ele partira para a tropa, receosa pelo filho único, aconselhara-o: «Tem cuidado com a chuva, vê lá não te constipes.»

Apenas acabava de começar. Enquanto os dois elementos da DGS que o acompanharam iniciam o interrogatório, dá ordens para que se monte a segurança à volta do aldeamento. Envia alguns soldados pelo flanco esquerdo e direito da povoação. Um eventual ataque do inimigo só podia vir de fora. Os subordinados que ficam na orla do mato são os que têm mais oportunidades para improvisar. Porque quando se chama a morte dá-se uma vertigem febril. Os outros soldados revistam as palhotas e separam os homens mais novos dos outros. Sabe-se lá porquê, mas era sempre sobre aqueles que caíam as suspeitas de "turras". Tinta teve o azar de ser novo e é dos primeiros a ser interrogado. Que não, nada sabe sobre a FRELIMO, repetia com as pupilas dilatadas de quem encontra o fim. Chico Kachawi, o negro da DGS, grande e musculoso, feições angulosas e coléricas, esmagou o crânio com um pau. Pisa-o depois de morto para gáudio da tropa, que promete rebentar de tanto riso. Chico era o estrategista mais apaixonado e foi quem disparou o primeiro tiro.

As mulheres não eram poupadas. Primeiro violadas depois abatidas, como em todas as guerras. «Vais com a barrigudinha cheia», diziam os valentes quando largavam o gatilho. Antonino andava de um lado para o outro, dava ordens, zelava pela segurança dos seus homens. Espiava as caras dos que o rodeavam à procura de informações. Não podia ver tudo o que se passava. A acção desenrolava-se

simultaneamente em três aldeias. Partiu contrariado para aquela operação. Não grama trabalhar com a PIDE, as informações que lhe dão, a maior parte das vezes não levam a nada. Mas um comando nunca discute uma ordem. A Companhia tinha sido enviada, pouco tempo antes, para o rio Mazoe, a poucos quilómetros de Tete. Dá cobertura ao material que chega da África do Sul e do Malawi destinado a Cahora Bassa. A FRELIMO concentrava os seus esforços naquela zona desde que começara a construção da barragem. Raimundo, mais conhecido por Dalepa, ou bicho que fede, é o comandante com destreza dos valentes, escolhido pela guerrilha. Um avião dos Transportes Aéreos que sobrevoava Wiriyamu e Juwau é atingido. E Joaquim Sabino, inspector-chefe da DGS recebe informações de que esta zona é um santuário da FRELIMO. A «operação Marosca», que já há algum tempo vinha a ser preparada, precipita-se. Antonino é chamado à ZOT, pela segunda vez. A estratégia é delineada e as ordens são claras. «Abater tudo o que se mexe, não deixar ninguém vivo, limpar a zona.» O alferes executou a operação como uma máquina cega.

Na retaguarda, fora do alcance da mira do comandante, os militares eram excitados pelos impulsos mais extravagantes. Caprichava--se na escolha da morte. As mulheres são usadas sem pudor. Os homens caem à paulada, pisados, outros a tiro.

Pendurado ao pescoço, Antonino traz sempre uma cruz de prata, enrolada a trouxe-mouxe num fio de pára-quedas. Era católico, sempre rezou. Mas desde que entrara para os comandos perdera a prática. Se a mãe o visse nestes preparos.

Os homens avançavam à voz de comando. Aquilo era um alvo. Sim, não era propriamente a base tipo, com trincheiras, esconderijos subterrâneos. Mas não havia forma de recuar. Eram aldeias que, segundo a PIDE, abrigavam a guerrilha. Ponto final. «Nestas operações matar um ou vinte é indiferente.» Depois de desencadeada é para cumprir e seguir em frente. Tudo a eito. A mesma expressão neutra. Eliminar homens ou mulheres é indiferente, as balas também são cegas. Para as crianças a mesma sorte, vivas são uma fonte de informação para a guerrilha. Estas, claro, morrem sempre depressa demais. A confusão e a violência continuam, solícitas com a euforia da morte.

### **Recordar o massacre**

Mal sai do aeroporto, em Maputo procura cheiros, edifícios, restaurantes do seu tempo. Os empregados parecem ter congelado na mudança. «O que é que o patrão quer», inquires subservientes. Então e a revolução, indigna-se ao descobrir o vocabulário do seu tempo de colono. Pouco ou nada lhe diz a capital, a não ser recordações da lua-de-mel, já depois da independência quando ainda nem pensava fugir. Encontra-se com antigos subordinados, confirma fidelidades da tropa mas é impossível recuar a esse tempo com a displicência da juventude. Descobre mentiras e impecilhos que travam a História. Já que vai meter a mão na merda, desta vez que seja para sempre, pensa. Com Baúque, antigo furriel, e Silva, da mesma patente, recordam alegrias e tristezas: colegas que entretanto morreram na miséria, o Faria que fugiu para a África do Sul e se alistou como mercenário e assim morreu. Quem lhes disse que tinham de defender a pátria, quem lhes sobrecarregou a consciência com este cheiro de morte? Verdade seja dita que nenhum deles estava calhado para a guerra, muito menos para comando. Mas a Baúque, negro de Maputo, nem lhe passou pela cabeça fugir. Senão fosse à tropa não arranjava ocupação, ficava-lhe barrado qualquer emprego digno. Quando lhe sai na rifa aquela especialidade não teve pudor em anunciar aos superiores a falta de vocação. Tinha medo, era arriscado aquele ofício. Mas o capitão Belchior avisa-o. «Com ronha ou sem ronha vais parar aos comandos». Depois da independência o capitão pôs-se a milhas, mas ele ficou a responder pelos seus crimes de guerra. Samora Machel leva a julgamento todos os africanos que colaboraram com os colonos. Sorriso descarado de quem faz o que quer das massas, óculos escuros, o novo presidente da República Moçambicana inicia o interrogatório com um alerta: «Quando libertámos Moçambique os comprometidos com os colonialistas ganharam também uma pátria\_\_ » Só os homens pequenos fazem vinganças... Mas só conhecendo o passado faremos a perspectiva do futuro. Baúque, entre outros, narra o massacre de que foi actor, especifica as ordens, enumera nomes de superiores da ZOT. Depois do julgamento passou um mau bocado. Noutras ex-colónias a coisa piou mais fino, muitos foram

fuzilados. Ele viu a sua fotografia exposta no local de trabalho e no bairro onde vive: «Era uma forma de as pessoas nos controlarem e de sermos reintegrados na nova sociedade.» Antonino segue a meada atento, mas tem o coração cheio de pressa para reencontrar o passado. Interroga-os. «A mim disseram-me que estava a defender a pátria e estava mesmo convencido disso. Quando matámos aquelas pessoas não tínhamos noção do que fazíamos», responde Baúque sem necessitar de postigos. Antonino concorda, Wiryamu na altura foi uma operação igual a tantas outras, o número de vítimas é que foi diferente. Freitas opõe-se, tinha-se mantido durante longos minutos sem falar, muito quieto. Larga agora sentenças de uma lucidez insólita, incapaz de recuar no tempo: «Já na altura tínhamos a noção de que aquilo era um crime, uma chacina de inocentes.» Antonino entristece, fica crispado, sente que o medo ainda domina o antigo furriel, que lhe eriça a pele. Entende. O outro ainda lá vive. Mas a tolerância não o trava, quer ir ao fundo da tragédia: «Nós na altura pensávamos todos da mesma maneira, ele está a falar para a plateia.»

### **De jovem alferes a comando**

Recordações enroscam-se noutras. Tem vontade de gritar ao tempo que guine atrás. Na recruta, era um jovem inocente saído da faculdade. Vivia com o alívio próprio dos rapazes. Se o tempo tivesse saltado ali! Não adivinhava os sarilhos que o esperavam, os perigos que teria de vencer. O sangue que faria rolar.

E que raiva quando recorda o primeiro dia de instrução. Um grupo de indivíduos, comandos de tarimba, calças camufladas, blusa branca, trombas cerradas, cumprimentam-nos aos berros: «Está a formar, suas Amélias.» Pernas abertas o mais possível, braços cruzados, atrás das costas, peito para fora, queixo levantado, olhos colados no céu. Eram dez da matina, o sol já queimava. O jovem alferes não estava habituado a esta posição. Passados 5 minutos começa a sentir as pernas bambas, mais cinco e as pernas doem, ao fim de vinte é insuportável. Com subtileza tenta aliviar a dor fechando um

pouco os joelhos. Castigo, flexões de braços, cambalhotas, cangurus, correr até uma viatura e dar vinte cabeçadas num pneu. Caminha com os pés e as mão no chão e grunhe como os porcos. Onze horas, meio-dia, de comida nada, nem uma gota de água, nem uma brisa. Uns desmaiam. E ele: «Porra, porque é que não fugi à tropa.»

O ponteiro do relógio a girar bêbado, as dores nas costas, no pescoço a aumentarem, as pernas nem as sente, perdeu a conta aos que já desmaiaram. Ele não. A cabeça parece uma melancia a rebentar com o calor, a língua seca, os outros a beberem água, os colegas a guincharem: «Somos uns porcos.» E a mãe que só o prevenira contra a chuva e as gripes. De repente parece anunciar-se a salvação. Um antigo colega de liceu, comando feito, aproxima-se com um oficial. Este pergunta: «Instruendo, conhece este nosso comando?» Resposta lógica: «Sim, conheço.» Sem querer abria caminho a novas torturas: «O quê, tem a ousadia de dizer que conhece este comando?» Paga o destempero com cinquenta flexões. Repetem a pergunta. Mete o pé na argola, de novo: «Não, não conheço.» Pobre labrego: «Tem a ousadia de dizer que não conhece um homem que foi seu colega na escola.» De novo o castigo. Nesta altura já não raciocina, só sente raiva: «Um dia vais pagá-las.» Ainda não descobriu que irá defender com ardor a instituição que nunca falha, talha os homens para serem heróis ou morrerem pela pátria. E ele seria igual ou pior do que aqueles que o enxovalharam naquele dia. Mais tarde, já com a boina castanha, repetiria esta cena com um novato seu antigo compincha dos bancos de liceu e que morreria mais tarde na prova de choque da especialidade.

Antonino mede o tempo com uma serenidade silenciosa, destranca dores antigas. Recorda a mãe do amigo, no funeral, agarrada a ele: «Assassinos mataram o meu único filho.» O descendente partia com salvas de tiros e honras militares, e ela, quando tempos antes se despedira do primogénito, provavelmente só lhe tinha ocorrido como perigo o frio, a chuva, as constipações.

O aspirante está para iniciar a prova de choque, ou seja, é um naco de barro que se trabalha, morre ou chumba no curso. Parte com a mochila, ração de combate para um dia, cantil, 0,75 l de água. Depois de uma viagem não muito longa, chega a um local descampado onde montam as tendas. Como parada tem um descampado

recentemente queimado, a cinza espalhada sufoca-os. Instrução: correr em círculo sem largar a arma. A ordem do instrutor atira-se ao chão, rasteja. «Está a deitar, está a rolar.» E o sol a pique, sem clemência. «Todos a tocar as minhas botas.» E eles, enrolados uns nos outros, a esmagarem-se para tocar as solas do instrutor. A língua a colar-se ao céu da boca, numa mistura de saliva, pó cinza e ódio. «Quero água», pensava. Quando acabou a regata, espreita o fundo do cantil, vê o fundo, está feito. Os altifalantes instalados na mata anunciam coca-cola fresquinha, cerveja gelada, ouve-se os barulhos de água a cair num regato: «Que merda é esta? Estão a gozar connosco.» Mal adormece, acorda com rebentamentos de granadas. «Está a formar.» O pior era a sede. Mais um que desmaia. Se estivesse no lugar dele...

O aspirante ganha manhas para sobreviver. Que desgraça ser desenrascado, rapidamente aprende a defender-se, já está a competir com o instrutor, o barro começa a ser amassado por mãos de bons artesãos. «Tenho que aguentar.» Um dos instruendos é apanhado a comer lama, a enfermaria está apinhada. Uma manhã, quando acorda, Antonino, descobre o milagre do cacimbo. Pega na toalha, passa--a pelas folhas, torce-a para dentro de uma lata de conserva. Consegue encher duas latinhas, água com sabor a espuma de barba. Volta a formar mais umas cambalhotas, já não aguenta. Que bom estar na enfermaria a soro. Mas mal acaba o balão volta a parada. «Não desejo a ninguém o que passei, nunca mais passarei por outra.» Fim de prova, regresso a Montepuez. Aprendizagem: montar e desmontar a arma, aulas de minas e armadilhas, técnicas de avanço no mato, assaltos a bases, as mais variadas técnicas de combate de guerrilha. A noite quando chega à caserna tem na cama folhas de propaganda contra a FRELIMO: o inimigo está a querer destruir o país, tem de defender a pátria do invasor.

Uma das fases mais estranhas do curso foi a semana maluca. Tudo era feito ao contrário. De noite era dia, e vice-versa. Às seis da manhã o instrutor aparecia de óculos escuros e dizia: «Que sol radioso, vamo-nos bronzear, tirem a camisinha para esses corpos apanharem sol.» Dormiam durante o dia e às vezes aparecia o instrutor de lanterna para fazerem instrução nocturna. No meio do mato: «Cuidado,

vê-se mal, vejam lá onde põem os pés.» Depois punha-o a rastejar no meio de restos de comida podre, tripas de vacas e outras besuntices: «Por isso é que as vossas miúdas agora estão a dormir com outro, não há quem aguente esse cheiro.» Antonino entrava na lógica, sentidos embotados, repetia: «Um dia vais pagar meu cabrão de merda, sou mais resistente do que tu.»

O aluno de Engenharia, continua, aprende a montar armadilhas com granadas, a andar num trilho armadilhado. Se falhas, morres. «Não posso falhar, não posso falhar.» Alguns morriam, claro. A vida militar é assim, não diz nada com nada.

Falta a prova de fogo, já muitos dos seus colegas ficaram pelo caminho. Quem chora é eliminado. Antonino aprendeu até hoje que há coisas que precisam de serem mantidas trancadas e fora de vistas. Raramente se descontrola. O último exercício era mesmo a sério, tiros reais, granadas no meio do rio, os corpos pareciam atingidos por fortes descargas eléctricas. Entretanto, alguém que lhe tenta tirar a arma enquanto dois o soqueiam. O corpo habituara-se à pressão da G3, e à dor. »Nunca se dá a arma«, tinha aprendido. E assim se conseguiu salvar mais tarde quando, por voltas tortas, o mandaram enterrar os mortos de Wiryamu, desarmado. De repente, enquanto o aspirante rasteja por baixo de arame farpado, atiram-lhe um bocado de dinamite a arder. Consegue agarrar o petardo e atirá-lo por cima do arame. Rebenta metros adiante.«Estes gajos são doidos.» O que é certo é que chegou ao fim e com distinção. Para mal do seu futuro, para peso da sua alma. «Fomos treinados para matar, sem dúvida nenhuma.»

### **Reencontro com o passado**

Chega à Beira, o regresso, passados vinte anos, é um trilho longo a caminho da paz ou do desassossego, ou mesmo da morte. Quando, já na Beira, chega à rua Comandante Diogo de Sá, dissipa a angústia acumulada durante dias. O ex-comando solta emoções, chora sem entraves ao rever a casa onde cresceu. Lembranças: as cobiadas à noite no cemitério, o futebol, namoro nas praias, entradas sorrateiras



na sacristia para roubar hóstias... Os vizinhos do novo proprietário juntam-se desconfiados. A moradia de um único andar está escalavrada, janelas remendadas, o jardim da entrada desapareceu. Na rua já há quase um motim, não o querem deixar entrar. «Os portugueses querem as casas de volta», resmungava uma mulher. Tio António, o dono, engenheiro no conselho executivo, está ausente, mas o irmão, Alberto, depois de algum receio acaba por abrir a porta. Ele entra e atravessa a casa muda, empurra portas, fixa-se em detalhes. A disposição dos móveis da sala de visitas está na mesma, parece uma cópia. O quarto de adolescente, com as paredes cobertas de pósteres, está trancado. Que pena. À despedida, Alberto pergunta a medo: «Não quer voltar para cá pois não?» Antonino esclarece, apertam mãos. Que coisa estranha, passaram vinte anos: «Parece que nunca saí daqui, ainda sinto isto como a minha casa.»

Chegou a hora. Arrancar para Tete, rever Wiryamu e os sobreviventes. Enche-o agora uma serenidade silenciosa, mede o tempo que passa. Quando o carro pára, aproveita para se embrenhar na mata, saudades dos cheiros, da terra. Distingue o canto das galinhas do mato, o barulho metálico das cigarras, violino destrambelhado. A cidade arde num dia e no outro abate-se uma tempestade tropical. O ex-alfere encontra-se com Sebola, o tal soldado nado em Tete, com fama de matar crianças à faca. Trabalha agora no aeroporto e conseguiu escapar ao julgamento de Samora. Atrapalha-se, o medo eriça-lha a pele. Dá uns toques no relato. Que sim, matavam as crianças à faca, também ouviu falar daquela mulher grávida a quem abriram o ventre para se inteirarem do sexo do feto. Antonino quer entender, interroga-o. É altura de se fazer História com verdade, insiste. Mas o terror começou a vencer o outro. Começa a dar o dito por não dito e termina dizendo que nunca pertenceu à sua Companhia. Que no outro dia voltava para mostrar os papéis da tropa. Nunca mais apareceu.

Em Wiryamu, alguns sobreviventes do massacre feito pela tropa portuguesa em 1972 contabilizam as mortes. Tenente parece não perdoar, acompanha a narrativa da miséria da sua família com gestos ameaçadores. Perdeu-os a todos. As batidas do coração desenham-se no rosto. Lembra-se de ter abraçado a capulana da mãe quando o

fecharam na palhota. A granada rebentou e escondeu-se debaixo e cereiro. Era um menino, mas teve tino para, ao ver a porta abrir-se, fugir. Dukiria, a mulher de Tinta que foi violada, cumpriu a tradição e casou com o irmão do marido. Não tivera crianças e o novo matrimónio era a forma de recuperar o dote que a família de Tinta empantara. Tenente, desde que o fizeram relembrar aquele dia, sonha com os espíritos, não sossega. Os olhos secos, perdidos no vazio, tornam--se buliçosos. Inspecciona a zona, aqui e ali, descobre ossadas. «Há vinte e cinco anos que andamos a apanhar ossos.» Dirige-se ao monumento onde jazem as vítimas e deposita-os. A revolta domina-o.

Antonino aproxima-se. Lento, corpo firme direito, queixo erguido. Os outros deixam de falar em voz alta, trocam ao ouvido palavras misteriosas. Se calhar desconfiam. O antigo comandante da 6.<sup>a</sup> Companhia sente-se perdido por segundos, de novo o inferno instala-se no seu corpo. Inverte a situação: E se alguém lhe tivesse feito o mesmo à família e agora se apresentasse a pedir perdão? Consulta a consciência. O mais certo era arrancar-lhe o pescoço. Não perdeu a sólida instrução de comando. Está preparado para o que der e vier. Matar, nunca. Mas talvez tenha de fugir. Embrenhar-se na mata até chegar ao Songo onde tem velhos amigos. Numa perna, presa numa liga, leva uma faca de mato. No bolso outra. Uma minilanterna de longo alcance, pastilhas para acender, fósforos numa caixa hermética para fazer fogueira e cozinhar, e um *stick* de luz. Também repelente para os mosquitos e uns comprimidos para purificar a água. «Ia preparado, se eles se tentassem vingar era legítimo!»

Aproxima-se. Os outros mantêm-se imóveis. Dirige-se a Baera, estátua esguia, consumida pela aridez daquela terra, que perdeu mulher e filhos há vinte e cinco anos. A Antonino prende-se-lhe a voz, está com uma grande vontade de chorar mas não perdeu o implacável controlo de um comando. Nunca lhe foi dito em que dia se daria o encontro, mas desde que saiu de Portugal, uma coisa não lhe saía da cabeça: «Como é que eu vou encarar aquela gente?» O olhar erra de rosto em rosto a medir de onde pode partir um possível ataque. Mas ao observar aquela gente só consegue sentir uma imensa vergonha. Enfrenta o mais velho, e a voz sai trémula: «Eu era o comandante da Companhia de comandos que estive cá há vinte e cinco anos e

matou a vossa gente. Na altura éramos todos muito novos e recebemos ordens dos nossos superiores para matar toda a gente.» Os outros ficam perplexos, sem reacção, sem medo, espanto total. Apenas Tenente enrosca os dedos uns nos outros, e espia-o cauteloso, a mesma chama buliçosa nos olhos.

O ex-comando respira fundo, acalma-se, continua: «Hoje venho aqui para fazer uma homenagem aos vossos mortos e pedir-vos desculpas por tudo o que se passou.» Baera desconhece a ciência da guerra mas possui a tolerância própria dos grandes homens. Nem perde tempo a reflectir. Olha-o de frente: «Ouvimos e percebemos muito bem. Nós sabemos que a guerra é a guerra, não temos nenhum rancor para consigo, sabemos que cumpriu ordens. Agora é preciso é que não fique nenhum rancor entre nós.» O resto do grupo acena a cada palavra do velho, não há censuras, nem recriminações. Tenente, o mais agreste, talvez animado pela reacção dos outros, suavizou, e cumprimenta-o. Havia desaparecido o perigo. Antonino não quer acreditar no que ouve. «Isso aumentou a minha angústia, parece que aquela gente tinha esquecido o sofrimento que lhes causei, como é que é possível não me odiarem? Não me insultarem no mínimo?»

De repente uma rapariga precipita-se para ele, segura-o pelas mãos como em tempos o prendeu pelo camuflado. Creya, a menina que o alferes salvou, tem os olhos húmidos: «Apesar de hoje sofrer muito, obrigada pelo que fez!» Antonino ainda reconhece aquele rosto infantil, impossível avaliar-lhe a idade. O tempo parece não a ter tocado, mas o sofrimento sim. Casou, tem uma ninhada de filhos. O marido, conforme à tradição, arranjou uma mulher mais jovem. Vivem no Zoye, junto à fronteira com o Malawi, zona húmida e fria quando chega Fevereiro. Creya dorme agora com a filharada na varanda, enrolados em trapos para se protegerem do cacimbo. Já tentou fugir para casa de parentes por duas vezes, mas sempre que chega a época da sementeira ele vai buscá-la e faz-lhe juras de amor e outras lengalengas. Não acredita mas vai, assim os filhos sempre têm que comer.

## O sossego ainda tarda a chegar

Antonino arranca uma flor lilás da terra áspera e aproxima-se do monumento aos sobreviventes de Wiriyamu. Através da vidraça, quando se ajoelha, fica à altura de um crânio, que o parece fitar. As recordações precipitam-se, pede agora aos sobreviventes que lhe contem o que realmente se passou naquele dia. «As ordens que nós tínhamos era para matar toda a gente, foi isso que disse aos meus homens, mas nunca vi mulheres a serem violadas, crianças mortas à facada e outras coisas que se dizem. Gostava que me falassem disso porque a zona era muito grande e eu não vi tudo...» Dukiria não sabe onde colocar as mãos. A expressão dura no rosto parece ter sido burilada por todas as catástrofes do mundo. Os olhos fundos vagueiam como se medisse o tempo, está desejosa de evitar assuntos desagradáveis. Ao lado, Orário, o marido, incita-a a falar. Ela foi uma entre tantas mulheres violadas naquele dia, ali mesmo em Wiriyamu, onde Antonino desceu de helicóptero com os seus homens. Baera, que nesse dia viu a mulher e os filhos serem mortos com um pau, aponta para o local onde a aviação bombardeou. Foi por volta do meio-dia, tinha acabado de almoçar. Confirma a história da mulher e recorda uma sobrinha menina, que tinha de grande beleza, levada para a mata por um soldado muito alto e maciço que saiu dos helicópteros, que a tomou atrás de uma árvore.

Antonino escuta atento e vai reconstituindo o *puzzle*. Os homens que montavam segurança à aldeia e que se podiam dedicar a estes festins. E uma profunda tristeza substituiu o assombro inicial. E percebeu que na guerra os homens são impelidos por uma irresistível vocação para matar, a celebração de um mistério. «Mas tinham ou não contactos com a FRELIMO? Porque eram essas as informações que tínhamos.» Baera abre os braços, olha à sua volta: «Aqui não havia nenhum elemento da FRELIMO.» Consulta a memória, lembra a PIDE a perguntar aos irmãos onde estavam os «turras». E eles que não sabiam. E assim eram mortos, à paulada. António Michone, o sobrevivente que denunciou aos padres da missão de burgos os massacres, vai ajustando a história. Se a memória não o engana, em Chaola, aldeia nas redondezas, nunca tinham ouvido falar na guerrilha.

A cara ensombresse, a recordação esmaga-o. Ali o terror começou pelas cinco da tarde. O antigo comandante está espantado com o relato, não era suposto estes homens intervirem, estavam ali numa posição defensiva. «Nós é que devíamos avançar, eles estavam ali para impedir a retirada da população. Há aqui qualquer coisa que não joga bem.» Michone era na altura um rapazito. A tropa entrou e concentrou-os numa clareira. Deram tantos tiros que devem ter ficado esgotados, e com os dedos adormecidos. Michone não é atingido mas é dos primeiros a ser derrubado pela família que é a primeira a ser alvo dos fogacho. Esforçavam-se por se escudarem uns atrás dos outros. Mas caíam uma a uma. Ele ficou debaixo da mãe e do pai, rosto virado para cima, o sangue entrava-lhe pela boca sem que se pudesse mexer. Os soldados deitaram pilhas de lenha em cima dos cadáveres e deitaram fogo. Depois afastaram-se do inferno das chamas. Foi aí que Michone resolveu fugir. Teve de empurrar o corpo da irmã, ainda vivo, se bem que a cara estivesse desfeita, nem boca nem nariz. Um buraco. Conseguiu chegar ao hospital de Tete, e a irmã Lúcia, espanhola, tratou-o das queimaduras e deu-lhe abrigo quando a PIDE soube da sua existência e andou no seu enalço, para apagar vestígios.

Michone e Antonino parecem conhecer-se de longa data sem que a tragédia os tivesse cruzado. Falam do passado e do presente como velhos amigos. O primeiro foi considerado um herói pela guerrilha mas depois da independência caiu em desgraça. Achavam que estava feito com a RENAMO e não o perdoaram. Agora vive mal, esteve preso durante nove meses com a acusação de roubar água, e teve de pagar multas e vender todos os seus cabritos, para poder sair em liberdade. Mas fala com a resignação dos povos calhados para a fatalidade. Convida Antonino a entrar na sua casa, apresenta-lhe mulher e filhos. Depois mostra o monumento que ele construiu aos mortos de Chaola. Um túmulo feito de paus e capim, debaixo de uma Ngo-za, árvore imponente, onde estão enterrados setenta e oito cadáveres. Agora o Sol e os cabritos já não os podem perturbar. Quando andou a recolher as ossadas, já depois da independência, chorou dias a fio: «Pensava que aqueles ossos podiam pertencer à minha mãe, pai ou irmã.» Mas nem todos os que tombaram naquele dia estão ali.

Michone conhece os sítios onde a tropa fez valas para esconder os corpos.

Antonino esforça-se para arrancar à paisagem um ponto de referência. Mas a região está alterada. Quando fecha os olhos consegue recordar onde abriu as valas, os arbustos que se encontravam do lado esquerdo, a árvore que estava do lado direito. O caminho por onde andou. Mas hoje já não encontra esses pontos de referência. Se a memória não o engana, abriu com os seus homens, um grupo de confiança escolhido a dedo, duas ou três valas. Eram muitos corpos, muitos mesmo. Estava revoltado, os comandos são uma tropa sempre em movimento, sem artes de coveiros: «O nosso lema era mata, deixa, não enterra, segue.» Mas os sobreviventes que conseguiram alcançar Tete provocaram grande reboliço internacional. Marcelo Caetano está à nora. Tanto mais que um homem de sua inteira confiança, Jorge Jardim, viera de propósito a Lisboa para lhe mostrar as fotografias do massacre. Passado pouco tempo o presidente do Conselho faz rolar a primeira cabeça: Armindo Viera, o comandante militar da região, é demitido e mais tarde Kaulza tem idêntico fim. Mas antes tentam abafar o escândalo. Antonino é chamado de novo à ZOT, ordenam que apague os indícios do crime: «Não levem armas», dizem-lhe. A 6.<sup>a</sup> Companhia de Comandos já está de malas feitas para arrancar para a ilha de Moçambique para apagarem o seu rasto, quando o comandante regressa ao local do crime. Lembrava-se do tempo da recruta, das bolachadas que os instrutores lhe deram para nunca entregar a sua arma, e para sua sorte não cumpriu as ordens.

Tinham corrido vinte dias, armados até aos dentes e bidões de gasolina e pás nas mãos, regressam como coveiros. Os abutres pairavam sobre os corpos inchados pelo calor, o capim crescia entre as ossadas. Os corpos desfaziam-se nas mãos de Antonino. Amontoava-os na vala e regava-os com gasolina. Cremação feita, mas sobreveio um impedimento: os helicópteros sem aparecerem conforme o combinado. Os superiores tinham-lhes dito que a acção teria de ser muito rápida, que nem levassem água nem ração de combate. A fome a apertar e a Força Aérea nada. Embrenha-se na mata, furioso, mas antes de alcançar a mata, rebenta um tiroteio. Desde daí a dúvida alojou-se na cabeça: «Será que os meus superiores tentaram criar vítimas para justificar o massacre?»

À medida que o tempo passa só pensa em fugir dali, parecia que Baera lhe falava da vida na machamba e na mulher com quem casou, outra das sobreviventes de Wiriyamu. Fukiria, que, depois de ter sido atingida por uma granada numa coxa, desmaiou. Quando recuperou, retirou o filho de meses da capulana que trazia às costas, estava desfeito. O velho conta que ela sonha muitas vezes com a criança e tem sobressaltos. Mas não vivem mal, a colheita não os tem traído. Baera faz confidências, trata Antonino com cerimónia: «Ele apareceu aqui como um homem, gostei dele, agora é preciso esquecermos todos o que aconteceu.» Mas Antonino está a quebrar, tem o coração cheio de pressa para partir. A recepção pacífica daquela gente faz com que o inferno se instale de novo na sua cabeça. Depois deste encontro talvez lhe descubra alguma tranquilidade. «Aquilo foi um acto criminoso. Em Wiriyamu, depois da guerra, procurei a paz, mas depois de todo este remexer de recordações, o sossego para mim ainda vai tardar.»